

O HOMEM

355-384



INTRODUÇÃO

Depois de ter falado do mistério da criação, do mundo invisível (os anjos) e do mundo visível em geral, o Catecismo da Igreja Católica volta a sua atenção para o ser humano. Para a fé cristã, quem somos nós?

Sobre nós mesmos podemos ter muitos conhecimentos que não provém da revelação divina. Revelando-nos, porém, o amor do Pai, Jesus, o homem perfeito, nos revelou quem nós somos (GS 22).

A fé nos dá a visão do homem segundo o que, em última análise, nos caracteriza com maior radicalidade: a nossa relação com Deus. Gn 1,26s indica a especial dignidade do homem na criação pela sua condição de imagem de Deus.

Por isso, esse tema é o primeiro ponto a ser desenvolvido (356-361: à imagem de Deus). Seguem-se depois três seções dedicadas ao homem: enquanto este une o mundo material e o espiritual (362-368: uno de corpo e alma), enquanto existe como homem e mulher (369-373: homem e mulher os criou) e enquanto Deus o estabeleceu sua amizade (374-379: o homem no paraíso).

Texto 355-384

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA SEÇÃO

CAPÍTULO I

PARÁGRAFO 6: O HOMEM



355. «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus. Ele o criou homem e mulher» (Gn 1,27). O homem ocupa um lugar único na criação: é «à imagem de Deus» (I); na sua própria natureza, une o mundo espiritual e o mundo material (II); foi criado «homem e mulher» (III); Deus estabeleceu-o na sua amizade (IV).

I. «A imagem de Deus»

356. De todas as criaturas visíveis, só o homem é «capaz de conhecer e amar o seu Criador» (GS 12); é a «única criatura sobre a terra que Deus quis por si mesma» (GS 24); só ele é chamado a partilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Com este fim foi criado, e tal é a razão fundamental da sua dignidade:

«Qual foi a razão de terdes elevado o homem a tão alta dignidade? Foi certamente o incomparável amor com que Vos contemplastes a Vós mesmo na vossa criatura e Vos enamorastes dela; porque foi por amor que a criastes, foi por amor que lhe destes um ser capaz de apreciar o vosso bem eterno» (Santa Catarina de Sena, *Il dialogo della Divina provvidenza*, 13: ed. G. Cavallini (Roma 1995) p. 43).

357. Porque é «à imagem de Deus», o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa: ele não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas. E é chamado, pela graça, a uma Aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar.

358. Deus tudo criou para o homem (cf. GS 12,1; 24,3; 39,1) mas o homem foi criado para servir e amar a Deus, e para Lhe oferecer toda a criação:

«Qual é, pois, o ser que vai chegar à existência rodeado de tal consideração? É o homem, grande e admirável figura vivente, mais precioso aos olhos de Deus que toda a criação; é o homem, para quem existem o céu e a terra e o mar e a totalidade da criação, e a cuja salvação Deus deu tanta importância, que, por ele, nem ao seu próprio Filho poupou. Porque Deus não desiste de tudo realizar, para fazer subir o homem até Si e fazê-lo sentar à sua direita» (São João Crisóstomo, *Sermones in Genesim*, 2,1: PG 54,587D-588A).

359. «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado é que verdadeiramente se esclarece o mistério do homem» (GS 22,1):

«São Paulo ensina-nos que dois homens estão na origem do género humano: Adão e Cristo. [...] O primeiro Adão, diz ele, foi criado como um ser humano que recebeu a vida; o segundo é um ser espiritual que dá a vida. O primeiro foi criado pelo segundo, de Quem recebeu a alma que o faz viver. [...] O segundo Adão gravou a sua imagem no primeiro, quando o modelou. Por isso, veio a assumir a sua função e o seu nome, para que não se perdesse aquele que fizera à sua imagem. Primeiro e último Adão: o primeiro teve princípio; o último não terá fim. Por isso é que o último é verdadeiramente o primeiro, como Ele mesmo diz: "Eu sou o Primeiro e o Último"» (São Pedro Crisólogo, *Sermones* 117,1-2: CCL 24A, 709 (PL 52, 520) [2ª leit. do Ofício de Leituras de Sábado da XXIX Semana do Tempo Comum: Liturgia das Horas]).

360. Graças à comunidade de origem, o género humano forma uma unidade. Deus «fez, a partir de um só homem todo o género humano para habitar sobre toda a face da terra» (At 17,26) (cf. Tb 8,6):

«Maravilhosa visão, que nos faz contemplar o género humano na unidade da sua origem em Deus...; na unidade da sua natureza, em todos igualmente integrada dum corpo material e duma alma espiritual; na unidade do seu fim imediato e da sua missão no mundo; na unidade da sua habitação, a terra, de cujos bens todos os homens, por direito natural, podem servir-se para sustentar e desenvolver a vida; na unidade do seu fim sobrenatural. Deus, para o Qual todos devem tender, na unidade dos meios para atingir este fim;... na unidade da Redenção, para todos levada a cabo por Cristo» (Pio XII, *Summi Pontificatus*).

361. «Esta lei de solidariedade humana e de caridade» (Pio XII, *Summi Pontificatus*), sem excluir a rica variedade das pessoas, das culturas e dos povos, assegura-nos que todos os homens são verdadeiramente irmãos.

II. «Corpore et anima unus» – Unidade de corpo e alma

362. A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. A narrativa bíblica exprime esta realidade numa linguagem simbólica, quando afirma que «Deus formou o homem com o pó da terra, insuflou-lhe pelas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se num ser vivo» (Gn 2,7). O homem, no seu ser total, foi, portanto, querido por Deus.

363. Muitas vezes, a palavra alma designa, nas Sagradas Escrituras, a vida humana (cf. Mt 16,25-26; Jo 15,13), ou a pessoa humana no seu todo (cf. At 2,41). Mas designa também o que há de mais íntimo no homem (cf. Mt 26,38; Jo 12,27) e de maior valor na sua pessoa (cf. Mt 10,28; 2Mc 6,30), aquilo que particularmente faz dele imagem de Deus: «alma» significa o princípio espiritual no homem.

364. O corpo do homem participa na dignidade da «imagem de Deus»: é corpo humano precisamente por ser animado pela alma espiritual, e a pessoa humana na sua totalidade

é que é destinada a tornar-se, no Corpo (Místico) de Cristo, templo do Espírito (cf. 1Cor 6,19-20; 15,44-45):

«Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, na sua condição corporal, reúne em si mesmo os elementos do mundo material, que assim nele encontram a sua consumação e nele podem louvar Livremente o seu Criador. Por isso, não é lícito ao homem menosprezar a vida do corpo. Pelo contrário, deve estimar e respeitar o seu corpo, que foi criado por Deus e que há de ressuscitar no último dia» (GS 14,1).

365. A unidade da alma e do corpo é tão profunda que se deve considerar a alma como a «forma» do corpo (cf. Concílio de Viena, *Fidei catholicae*: DS 902); quer dizer, é graças à alma espiritual que o corpo, constituído de matéria, é um corpo humano e vivo. No homem, o espírito e a matéria não são duas naturezas unidas, mas a sua união forma uma única natureza.

366. A Igreja ensina que cada alma espiritual é criada por Deus de modo imediato (cf. Pio XII, *Humani generis*: DS 3896; Paulo VI, *Sollemnis Professio fidei*, 8: AAS 60 (1968) 436) e não produzida pelos pais; e que é imortal (cf. V Concílio de Latrão, *Apostolici regiminis*: DS 1440), isto é, não morre quando, na morte, se separa do corpo; e que se unirá de novo ao corpo na ressurreição final.

367. Encontra-se às vezes uma distinção entre alma e espírito. São Paulo, por exemplo, ora para que «todo o nosso ser, o espírito, a alma e o corpo», seja guardado sem mancha até à vinda do Senhor (1Ts 5,23). A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma (IV Concílio de Constantinopla, canon 11: DS 657), «Espírito» significa que o homem é ordenado, desde a sua criação, para o seu fim sobrenatural (cf. I Concílio do Vaticano, *Dei Filius*, c. 2: DS 3005; GS 22), e que a alma é capaz de ser gratuitamente sobrelevada até à comunhão com Deus (cf. Pio XII, *Humani generis*: DS 3891).

368. A tradição espiritual da Igreja insiste também no coração, no sentido bíblico de «fundo do ser» («nas entranhas»: Jr 31,33) em que a pessoa se decide ou não por Deus (cf. Dt 6,5; 29,3; Is 29,13; Ez 36,26; Mt 6,21; Lc 8,15; Rm 5,5).



III. «Homem e mulher os criou»

IGUALDADE E DIFERENÇA QUERIDAS POR DEUS

369. O homem e a mulher foram criados, quer dizer, foram queridos por Deus: em perfeita igualdade enquanto pessoas humanas, por um lado; mas, por outro, no seu respectivo ser de homem e de mulher. «Ser homem», «ser mulher» é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher têm uma dignidade inamissível e que lhes vem imediatamente de Deus, seu Criador (cf. Gn 2,7; 2,22). O homem e a mulher são, com uma mesma dignidade, «à imagem de Deus». No seu «ser homem» e no seu «ser mulher», refletem a sabedoria e a bondade do Criador.

370. Deus não é, de modo algum, à imagem do homem. Não é nem homem nem mulher. Deus é puro espírito, no Qual não há lugar para a diferença de sexos. Mas as «perfeições» do homem e da mulher refletem qualquer coisa da infinita perfeição de Deus: as dum mãe (cf. Is 49,14-15; 66,13; Sl 131,2-3) e as dum pai e esposo (cf. Os 11,1-4; Jr 3,4-19).

«UM PARA O OUTRO» – «UMA UNIDADE A DOIS»



371. Criados juntamente, o homem e a mulher são, na vontade de Deus, um para o outro. A Palavra de Deus no-lo dá a entender em diversos passos do texto sagrado. «Não convém que o homem esteja só: vou fazer-lhe uma ajudante que se pareça com ele» (Gn 2,18). Nenhum dos animais pode ser este «par» do homem (cf. Gn 2,19-20). A mulher que Deus «molda» da costela tirada do homem e que apresenta ao homem, provoca da parte deste, uma exclamação admirativa, de amor e comunhão: «E osso dos meus ossos e carne da minha carne» (Gn 2,23). O homem descobre a mulher como um outro «eu», da mesma humanidade.

372. O homem e a mulher são feitos «um para o outro»: não é que Deus os tenha feito «a meias» e «incompletos»; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser «ajuda» para o outro, uma vez que são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas («osso dos meus ossos») e complementares enquanto masculino e feminino (cf. João Paulo II, *Mulieris dignitatem*, 7). No matrimônio, Deus une-os de modo que, formando «uma só carne» (Gn 2,24), possam transmitir a vida humana: «crescei e

multiplicai-vos, enchei e dominai a terra» (Gn 1,28). Transmitindo aos seus descendentes a vida humana, o homem e a mulher, como esposos e pais, cooperaram de modo único na obra do Criador (GS 50,1).

373. Segundo o desígnio de Deus, o homem e a mulher são vocacionados para «dominarem a terra» (cf. Gn 1,28) como «administradores» de Deus. Esta soberania não deve ser uma dominação arbitrária e destruidora. A imagem do Criador, «que ama tudo o que existe» (Sb 11,24), o homem e a mulher são chamados a participar na Providência divina em relação às outras criaturas. Daí a sua responsabilidade para com o mundo que Deus lhes confiou.



IV. O homem no paraíso

374. O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a criação que o rodeava; amizade e harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo.

375. A Igreja, interpretando de modo autêntico o simbolismo da linguagem bíblica à luz do Novo Testamento e da Tradição, ensina que os nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram constituídos num estado de santidade e de justiça originais (cf. Concílio de Trento, Sess. 5, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511). Esta graça da santidade original era uma participação na vida divina (LG 2).

376. Todas as dimensões da vida do homem eram fortalecidas pela irradiação desta graça. Enquanto permanecesse na intimidade divina, o homem não devia nem morrer (cf. Gn 2,17; 3,19), nem sofrer (cf. Gn 3,16). A harmonia interior da pessoa humana, a harmonia entre o homem e a mulher (cf. Gn 2,25), enfim, a harmonia entre o primeiro casal e toda a criação, constituía o estado dito «de justiça original».

377. O «domínio» do mundo, que Deus tinha concedido ao homem desde o princípio, realizava-se, antes de mais, no próprio homem como domínio de si. O homem era integrado e ordenado em todo o seu ser, porque livre da tríplice concupiscência (cf. 1Jo

2,16), que o sujeita aos prazeres dos sentidos, à ambição dos bens terrenos e à afirmação de si contra os imperativos da razão.

378. Sinal da familiaridade com Deus é o facto de Deus o colocar no jardim (cf. Gn 2,8). Ali vive «a fim de o cultivar e guardar» (Gn 2,15): o trabalho não é um castigo (cf. Gn 3,17-19), mas a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível.

379. Toda esta harmonia da justiça original, prevista para o homem pelo plano de Deus, será perdida pelo pecado dos nossos primeiros pais.

Resumindo:

380. *«Formastes o homem à vossa imagem e lhe confiastes o Universo, para que, servindo-Vos unicamente a Vós, seu Criador; exercesse domínio sobre todas as criaturas» (Oração eucarística IV).*

381. *O homem foi predestinado para reproduzir a imagem do Filho de Deus feito homem –«imagem do Deus invisível» (Cl 1,15) –, para que Cristo seja o primogénito duma multidão de irmãos e irmãs (cf. Ef 1,3-6; Rm 8,29).*

382. *O homem é «uma unidade de corpo e alma» (GS 14,1). A doutrina da fé afirma que a alma espiritual e imortal foi criada imediatamente por Deus.*

383. *«Deus não criou o homem solitário: desde a origem "criou-os homem e mulher" (Gn 1,27); a sociedade dos dois realiza a primeira forma de comunhão entre pessoas» (GS 12,4).*

384. *A Revelação dá-nos a conhecer o estado de santidade e justiça originais do homem e da mulher, antes do pecado: da amizade de ambos com Deus derivava a felicidade da sua existência no paraíso.*



Revisando temas

1. À imagem de Deus

Muitíssimas são as interpretações que, ao longo da história, foram dadas sobre a afirmação do Gênesis de que o homem foi criado à imagem de Deus. O Concílio

Vaticano II (GS 12) indica a condição de imagem de Deus como o que é mais apropriado à visão cristã do ser humano e como aquilo que a distingue das numerosas visões sobre o homem que são oferecidas. Define, sobretudo, a “imagem” como a capacidade de conhecer e de amar o seu Criador. O ser humano é uma criatura privilegiada de Deus enquanto criada à sua imagem e semelhança, chamada à comunhão com Deus e à participação na Sua vida através do conhecimento e, sobretudo, através do amor.

A **condição pessoal** do homem é relacionada com a da imagem (357). Há boas razões para isso, uma vez que a questão da imagem é centrada na relação com Deus. Duas características do ser pessoal são colocadas em destaque: de um lado, (1) a capacidade de conhecer e de se possuir (autoposse); de outro, (2) a possibilidade de se doar (autodoação) livremente e de entrar em comunhão com os outros. Os dois aspectos são igualmente importantes. Por fim, é dada a razão última da dignidade peculiar do ser humano: a vocação à aliança com o Criador e o chamado à resposta de fé e de amor. A condição pessoal, “de sujeito” do homem não pode ser desligada desse chamado à vida divina. O homem é “alguém” e não somente “algo”, sobretudo porque Deus quis criá-lo como seu interlocutor. Se Deus criou o ser humano com essa capacidade de posse de si mesmo e de doação de si mesmo, foi para que pudesse se doar livremente a Deus e aos irmãos. O **ser pessoal** alcança a sua plenitude no dom e no amor, no seguimento de Jesus.

Por isso, o homem foi criado para Deus. É a única criatura deste mundo que pode conhecê-Lo e amá-Lo, louvá-Lo e Lhe render graças. Com efeito, no louvor, o homem se faz a voz de todas as criaturas: as outras coisas são para o homem (358). O homem não é um meio, é um fim em si mesmo. Por ele, Deus chegou a entregar o seu Filho.

O par. 359 retoma uma frase feliz do Concílio Vaticano II: “Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado é que verdadeiramente se esclarece o mistério do homem” (GS 22). O belo texto de Pedro Crisólogo retoma o paralelismo paulino entre Adão e Cristo. Com muita fidelidade ao espírito paulino – mesmo que não haja uma fidelidade diretamente literal – o santo Doutor nos diz que o segundo Adão (Jesus) é, na verdade, o primeiro. Ele é o primeiro e o último. Assim o apresenta a afirmação do Apocalipse (1,17; 21,6; 22,13; cf. 1,8). Chama a atenção uma frase da citação: “O segundo Adão gravou a sua imagem no primeiro, quando o modelou”. É retomada uma antiga tradição, que remonta a Irineu e a Tertuliano e que é transmitida por Santo Hilário de Poitiers, segundo a qual o modelo de Deus na criação do homem teria sido o Filho que deveria se encarnar. Assim, sendo o Filho o mediador da criação, o próprio Filho de Deus gravou no homem, modelando-o, os traços que Ele mesmo deveria assumir na sua encarnação. Segundo esse modo de pensar, o homem foi criado à imagem de Deus porque foi criado segundo o modelo de Jesus (o único que é estritamente a imagem de Deus: 2Cor 4,4; Cl 1,15) que devia se encarnar. Não é essa a única interpretação que foi dada na história a essa verdade bíblica. Mesmo assim é muito sugestiva e com uma profunda inspiração neotestamentária (cf. 1Cor 15,34-49). Segundo GS 22 todas as afirmações sobre o homem tem sua fonte e alcançam o seu ápice em Cristo, inclusive a verdade sobre a criação do homem à imagem de Deus.

Os parágrafos 360-361 recordam a **unidade do gênero humano**. Trata-se de uma verdade teológica de grande importância. Essa unidade está fundada na origem comum e na comum vocação em Cristo. Se o primeiro Adão é já à imagem do segundo, deve-se aceitar também que essa fundamentação cristológica da unidade do gênero humano não pode ser de nenhum modo secundária. Somente na revelação da **paternidade** divina que

se manifesta em Jesus podemos compreender o senso pleno da **fraternidade** entre os homens, no respeito e no reconhecimento da variedade.



2. “Corpore et anima unus”: Unidade de alma e de corpo

O homem é **uno em corpo e alma**. Ele todo foi desejado por Deus; todo ele foi criado à imagem de Deus. Na sua unidade, é preciso reconhecer uma diversidade de aspectos e de dimensões. Já o Gênesis mostra, com uma linguagem diferente da nossa, a condição corpórea do homem e contemporaneamente a sua participação na vida de Deus.

O termo “alma” tem muitos significados (363). Na Escritura significa principalmente a vida, e também a pessoa humana inteira. Pode, porém, significar também (e isso foi o significado que teve maior desenvolvimento na tradição) o que é **mais íntimo** do homem, o seu princípio transcendente a este mundo, o seu princípio “espiritual”. Diz-se que, pela sua alma, o homem é “mais especificamente” imagem de Deus. Afirmar a alma como princípio que dá especificidade de imagem de Deus não significa, porém, excluir o corpo da condição de “imagem”. De qualquer maneira, é evidente que, mediante o seu princípio espiritual, o homem pode conhecer Deus e entrar em comunhão de amor com Ele.

Dado que o ser criado à imagem de Deus é o “homem”, o seu corpo não pode ser excluído dessa participação à dignidade da imagem. Sendo a alma a forma do corpo (cf. 365), o corpo humano é humano somente porque é animado por uma alma. Por sua vez, o ser “forma do corpo” é para a alma uma **dimensão da sua própria natureza**. A distinção entre alma e corpo não destrói a unidade profunda e substancial do ser do homem. O homem é uno exatamente enquanto alma e corpo. A distinção entre alma e corpo se manifesta no destino final que nos espera: segundo a fé cristã esse destino é a ressurreição que inclui todo o homem. Qualquer desprezo do corpo é, portanto, contrário à nossa fé. A fé no Deus criador significa a afirmação da bondade de tudo o que foi criado, inclusive o mundo material e, conseqüentemente, do corpo.

Não temos, portanto, primeiramente uma alma e só depois um corpo que se unam e constituam o homem. Não se trata de duas naturezas unidas, mas de **uma só natureza corpóreo-espiritual**. O concílio de Viena insistiu sobre essa unidade, afirmando que a alma racional é a única forma do corpo. O concílio se serviu da fórmula já cunhada por Santo Tomás de Aquino. Naturalmente nenhuma fórmula poderá abarcar totalmente o mistério do homem, reflexo do mistério de Deus enquanto criado à sua imagem. Deve

ficar claro, porém, que, para a fé da Igreja, o homem, na sua necessária distinção das dimensões espiritual e corpórea, é substancialmente uno. No parágrafo 366 são recordadas algumas afirmações sobre a criação da alma humana e a sua imortalidade. Primeiramente a criação imediata da alma por Deus. Pio XII, na encíclica *Humani Generis* de 1950, reafirmou o ensinamento tradicional da Igreja. A relação da pessoa humana com Deus é algo imprescindível, o que exige essa intervenção direta de Deus na criação da alma. Enquanto transcende o mundo, enquanto chamado à comunhão com Deus, **a origem do homem não pode estar somente nas causas intramundanas**. O ensinamento da criação direta da alma por parte de Deus não deve dar espaço ao desprezo do corpo: a alma, criada por Deus diretamente, é contemporaneamente a “forma” do corpo. A imortalidade da alma foi afirmada várias vezes, especialmente no concílio de Latrão V de 1513. Essa imortalidade, que pertence a um dos dois princípios do ser humano, é **garantia da continuidade e da identidade do sujeito humano** entre a vida presente e a vida da ressurreição, fim último do homem.

O parágrafo 367 alude a uma importante distinção entre “alma” e “espírito”. As duas noções no NT (1Ts 5,23) não são identificadas, nem mesmo nos primeiros Padres da Igreja (por exemplo Santo Irieneu de Lião). Não se trata de uma dualidade na alma. A distinção sublinha algo de muito profundo. O homem é um ser que não tem sua finalidade em si mesmo, é chamado, desde a sua criação, a uma única vocação divina, como recorda o concílio Vaticano II (GS 22). Vive, portanto, na ordem “sobrenatural”. Sem o dom do Espírito divino, que o transforma interiormente, não pode chegar a seu fim último. A salvação do homem não provém dos seus componentes antropológicos (mesmo que não se realize a margem deles), mas de Deus. A noção de “espírito” nos mostra essa relação essencial do homem com Deus; enquanto unido a Cristo e guiado pelo Espírito, o homem se faz “espírito” (cf. Rm 1,10; 1Cor 6,17).

O coração (368) é a expressão do mais profundo do ser humano: nele decide, na sua liberdade, a favor ou contra Deus. Segundo a linguagem bíblica, também Deus tem um coração no qual decide a favor dos homens (cf. Sl 33,11).

3. “Homem e mulher os criou”

O livro do Gênesis sublinha que tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem de Deus. Com essa afirmação fundamental se evidencia que os dois foram igualmente desejados por Deus e que a dignidade deles de imagem e de pessoa humana é, nos indivíduos de ambos os sexos, a mesma. Dado que Deus a quis, essa distinção (sublinha o texto) é boa. O ser é humano necessariamente sendo homem ou sendo mulher. A diferença não é um obstáculo para a comum dignidade.

Deus não é, evidentemente, nem homem nem mulher. Dele, porém, provém, e são participações ao seu ser perfeitíssimo, tanto as qualidades e as “perfeições” que caracterizam o homem quanto as que caracterizam a mulher. Não há nada de estranho, portanto, que, na Bíblia, Deus apareça com traços masculinos e femininos, de mãe, de esposo, de pai. Na Virgem Maria temos um ícone dessa “maternidade”, e portanto desses traços femininos de Deus.

O homem e a mulher não foram criados somente juntos, mas também um para o outro. O livro do Gênesis nos mostra esta verdade. O par. 371 evoca os pontos culminantes da narrativa da criação da mulher: o homem, reconhecendo a mulher como carne da sua carne, a descobre como um ser com o qual está unido por um vínculo que não depende da sua vontade, mas do próprio desígnio divino.

Por isso o homem e a mulher são feitos um para o outro. O texto acautela contra uma falsa interpretação dessa verdade. Não se trata do fato que o homem e a mulher, considerados em si mesmos, sejam incompletos. Não. No seu ser pessoas inteligentes e livres, criados à imagem de Deus, cada um deles tem uma vocação irremissível, é para Deus um “tu”, é responsável por si mesmo. Somente se os considerarmos como pessoas no senso pleno da palavra, na sua autoposse e na sua capacidade de se doar, tem sentido o dom de si mesmos que o homem e a mulher se fazem reciprocamente no matrimônio. Com essa união, eles formam “uma só carne”, não no senso de que o ser pessoal deles desapareça ou seja absorvido em uma unidade superior, mas no senso que a personalidade de cada um deles recebe dessa união uma nova conotação. Em virtude dessa união podem transmitir a vida humana e cooperam de maneira única com a obra do Criador. Com efeito, não há maior cooperação na obra criadora do que aquela que se realiza na procriação: o ser humano é o cume da criação, o único ser deste mundo que Deus quis por si mesmo. Na criação do homem e da mulher encontramos o núcleo essencial e uma expressão altamente qualificada da sociabilidade humana: mesmo que essa qualidade do homem não se reduza a esse aspecto.

O homem e a mulher receberam o encargo de dominar a terra e o de crescer e de se multiplicar. Naturalmente esse domínio não pode ser feito sem a referência ao Criador. Esse domínio deve levar em conta as outras criaturas, que servem certamente o homem segundo o desígnio de Deus, mas das quais o homem não é patrão. Não há somente a preocupação pelos outros seres. O homem deve também zelar pelas gerações futuras. Esse problema hoje tem grande atualidade, com a crise ecológica que a humanidade precisa enfrentar. Na ambição desmedida de dominar o mundo, sem referência ao Criador, o homem pode destruir a si mesmo.

4. O homem no paraíso

O homem, desde a criação, tem uma única vocação divina. Desde o primeiro momento, ele foi constituído na amizade com o Criador, na “graça”. Dessa harmonia na sua relação com Deus deriva a harmonia consigo mesmo, a harmonia com os outros e com toda a criação. Esta situação de paz, na qual Deus criou o homem, está destinada a ser superada somente na glória da nova criação em Cristo. A relação entre o início e o fim é antiga. Na linguagem teológica ordinária, é comum falar do céu, da vida eterna como “paraíso”. A imagem dos inícios é usada para ilustrar a plenitude do fim.

O ponto fundamental do ensinamento da Igreja sobre o homem no paraíso é sem dúvida o da “santidade e justiça” (a expressão é do concílio de Trento) concedidas aos nossos pais. Esse dom gratuito significa a participação na vida divina. O homem, criatura de Deus, foi colocado em um estado superior ao que lhe corresponderia em base à sua situação criatural.

Todos os outros bens que o homem desfrutava no paraíso são **a irradiação** dessa graça. Não devem ser vistos jamais sem íntima relação com ela. Sobre ela se funda sobretudo a “justiça original”, que abraça todos os outros dons dos quais fala a Bíblia e a tradição da Igreja: a imortalidade, a ausência de sofrimento, a harmonia interior do homem consigo mesmo (a “integridade” ou ausência de concupiscência), a harmonia nas relações entre homem e mulher e a harmonia do homem com o mundo. A relação com Deus se articula necessariamente em todos os âmbitos intramundanos.

O parágrafo 377 sublinha bem como o domínio sobre a natureza não pode ser separada do domínio do homem sobre si mesmo. Pelo contrário, talvez se poderia até dizer que somente se o homem é realmente patrão de si, pode exercer ordinariamente o domínio sobre as outras criaturas. Diversamente, refletirá sobre a criação a falta de harmonia

interna do homem. E isso sucede depois do pecado. A concupiscência obscureceu a capacidade de o homem colher a verdade e a capacidade de seguir a razão e o bem na sua ação. Nos concílio da Igreja antiga se falava de “liberdade” do homem antes do pecado. Se entendermos a liberdade como capacidade de realizar o bem, compreendemos como o pecado tenha reduzido à escravidão a vontade humana.

No estado de amizade e de familiaridade com Deus, o homem devia cultivar e cuidar do paraíso no qual fora colocado. É uma interpretação errada pensar que o trabalho seja um castigo, consequência do pecado. O livro do Gênesis afirma claramente o contrário. Mediante o seu trabalho o homem coopera com Deus na obra criadora. Mais. **Humaniza** a própria criação (cf. *Laborem exercens*).

O último parágrafo (379) faz a passagem para o capítulo seguinte: o pecado do homem que causa a perda desses bens.

É preciso apreciar a sobriedade com que o texto do Catecismo nos fala do paraíso. São valorizados sobretudo os elementos teológicos: a graça, a participação na vida de Deus, a harmonia interna e externa do homem, contemplados na sua íntima relação intrínseca. A essas verdades profundas quer se referir o Gênesis com a sua riquíssima linguagem simbólica.

Fonte: extraído quase integralmente e traduzido de LADARIA, LUIS F., “L’Uomo”; in: *Catechismo della Chiesa Cattolica. Testo integrale e commento teológico*. 1993, Edizioni Piemme, p. 690. O grifo é nosso.